

O ÚLTIMO CONVENTO DA ORDEM DE SANTIAGO EM PALMELA

DADOS ARQUEOLÓGICOS DA INTERVENÇÃO NO PÁTIO FRONTEIRO À IGREJA

ISABEL CRISTINA FERREIRA FERNANDES Arqueóloga, Museu Municipal de Palmela. isacrisff@gmail.com

RESUMO A intervenção arqueológica no pátio fronteiro à igreja do convento de Santiago, em Palmela, que decorreu em 2003, permitiu confirmar que o último convento da Ordem de Santiago foi construído entre a segunda metade do século XVII e o início do século XVIII e sofreu várias obras de remodelação ao longo dos séculos XVIII e XIX. São destes períodos a maioria das estruturas e dos materiais arqueológicos exumados, com maior destaque para os seiscentistas e setecentistas. Estamos perante uma área do convento moderno que inclui dependências de trabalho, com oficinas e arrecadações.

Nesta comunicação apresenta-se a leitura dos compartimentos identificados e uma proposta de evolução deste espaço conventual, nomeadamente após as obras que terão ocorrido no último quartel de setecentos.

PALAVRAS-CHAVE Palmela, Ordem de Santiago, convento, arqueologia

1. OS CONVENTOS DE SANTIAGO EM PALMELA: O PERCURSO HISTÓRICO

Os nossos estudos histórico-arqueológicos em Palmela têm-se centrado não só na ocupação muçulmana do sítio mas também no percurso da permanência da Ordem de Santiago no castelo, desde o último quartel do século XII até 1834. As investigações arqueológicas até agora realizadas, primeiro na alcáçova do castelo e mais recentemente na área fronteira da igreja de Santiago, são mais eloquentes para a plena Idade Média do que para os finais do período medieval e o período moderno. Admitimos hoje, por evidências arqueológicas e históricas, que o castelo de Palmela foi sede da Ordem de Santiago nos finais do século XII/inícios do XIII (1194-1217)¹. Após um interregno de duas centúrias e meia, em que os destinos da Ordem foram geridos a partir de Mértola e de Alcácer do Sal, instala-se de novo a sede em Palmela (1482), aí permanecendo até à extinção². A construção do convento e da igreja decorrerá entre 1443 e 1482, terminada no tempo em que o mestrado se encontrava nas mãos de Infante D. João, filho de D. João I (fig. 1). Admite-se porém que as últimas obras, das oficinas do convento, só ficaram prontas sob o

Arquivo IHRU (ex-DGEMN)



1. Igreja de Santiago após o restauro da DGEMN (ca. 1940).

mestrado do príncipe D. João, filho de D. Afonso V (Santa Maria, 1724, p. 256 e 257).

No tempo de D. Jorge, último mestre da Ordem, o convento e a igreja foram objecto de obras de melhoramento, tanto ao nível das estruturas como da decoração arquitectónica e do recheio artístico³. Constroem-se dois terraços, designados de "miradouros", as dependências do paço do mestre e acrescentes na casa do prior. O *Regimento do Convento de Palmela*, de 1547, outorgado pelo mestre D. Jorge (Pimenta, 2002, p. 289-300), é um precioso documento para a análise da vida conventual mas também para o reconhecimento funcional dos compartimentos da "casa". A identificação de algumas

1. Sobre este assunto ver Fernandes; I.C.F., 2000, 2001, 2004, 2005 e 2009.

2. A partir de D. João I, o mestrado da Ordem de Santiago passa para a dinastia de Avis, através da bula *in Apostolica Dignitates Speculas*, concedida pelo papa Martinho V. É nessa ocasião que o rei decide transferir a sede da Ordem de Alcácer do Sal para Palmela, sendo mestre Mem Roiz de Vasconcelos. A *Crónica de D. João I* regista a entrega do mestrado da Ordem de Santiago a Mem Roiz (*Chronica de El-Rei D. João I*, 1897-1898).

3. Para detalhes sobre estes aspectos consultar Serrão e Meco, 2007.



2. Igreja e último convento da Ordem de Santiago, Palmela.

funções dos freires (celeireiro, escrivão, boticário...) e dos leigos que trabalhavam no convento (amassadeira, lavadeira, cozinheiro, barbeiro, alfaiate, sapateiro, pedreiro, carpinteiro, azemel...) constitui um auxiliar importante do arqueólogo.

Nos anos 60 do século XVI, não se tendo ainda concluído as obras dos dormitórios e das oficinas que se haviam encetado na época de D. Jorge e nos finais da centúria, o estado dos edifícios era descrito como mau (Aranha, 1731). Um orçamento de 1567 (Mata, 2002) permite-nos também a recolha de dados sobre alguns espaços conventuais, sendo citados a castra, o terreiro da portaria (na igreja) e o dormitório, com celas servidas de janela, o refeitório, a cozinha, a adega, o palheiro, a caldeiraria, o celeiro, a crastra da carne, a cisterna (no convento). Repetem-se menções a artesãos e outros trabalhadores externos ao convento mas que trabalhavam nele e para ele: pedreiros, carpinteiros, tanoeiros, lavadeiras, costureiras, alfaiates, carregadores.

Depois de várias iniciativas de reparação, a persistente degradação do edifício conventual irá conduzir Filipe II à decisão da encomenda de projecto para um novo convento, em 1610, feita a Filipe Térzio, arquitecto régio e mestre de obras das Ordens de Santiago e de Avis⁴. A partir de 1629 Mateus do Couto sucede a Baltazar Álvares na condução da obra e, em 1699, será a vez do sobrinho do primeiro assumir o cargo (Viterbo, 1988, III, p. 162 e 257). É possível que destas várias direcções, sobretudo as de Baltazar Álvares e de Mateus do Couto, o Velho⁵, tenham resultado alterações à traça original de Térzio (fig. 2). No contexto político do domínio filipino, as obras vão desenvolver-se muito lentamente até ao final do século XVII. Em 1696, só se tinham executado uma parte do convento, dois dormitórios e o claustro⁶. Os freires nunca se transferiram para outro lugar por motivo das obras, que se presume

4. Térzio deveria encontrar-se já a trabalhar neste projecto desde 1596 (Viterbo, 1988, 99 -100).

5. Para avaliação das extraordinárias valências de Mateus do Couto, o Velho, como arquitecto, veja-se Soromenho, 2012.

6. Conforme referência na Chancelaria da Ordem de Santiago, Liv. 24, fls. 23v e 24.

terem ficado concluídas na primeira década de setecentos (Serrão e Meco, 2007, p. 130, 155 e 156)⁷. Na visita de D. João V a todo o convento, em 1711, durante o priorado de D. José Pereira de Lacerda, são referidas a casa da tribuna, a sala grande da livraria, as celas dos freires, o átrio anterior à porta da Igreja de Santiago, espaços que correspondem ao último convento, reconhecidos na planta de 1781⁸. Contudo, posteriormente, houve intervenções na época do prior João Pereira Gama, nos anos trinta e em meados de setecentos, no fim do reinado de D. João V, orientadas pelo arquitecto Rodrigo Franco, nomeadamente no refeitório (Serrão e Meco, 2007, p. 130, 155 e 156)⁹. Na sequência do sismo de 1755, que danificou o edifício, tiveram lugar obras de reparação a cargo dos mestres Pêro Lourenço e Luiz Santos (Viterbo, 1992, p. 220-222).

O processo de degradação do novo convento, já notório nas primeiras décadas de oitocentos, acentua-se após a extinção, ao longo da centúria, estando então tutelado pelo Ministério da Guerra. Este percurso de profunda degradação do edifício conventual e da igreja, que incluiu a delapidação de muito do seu recheio decorativo arquitectónico, continua durante a Primeira República, apesar da classificação da igreja e do castelo como Monumentos Nacionais (fig. 3). A partir de 1933, a Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) inicia uma intervenção de restauro que vai incidir essencialmente na igreja e em parte do castelo. O convento permanece em ruínas, sendo reabilitado apenas nos anos setenta do século passado, com a reconversão do que subsistia do edifício em pousada de turismo.

7. É desta derradeira fase da obra, de finais do século XVII – inícios do XVIII, a substituição do antigo retábulo quinhentista da igreja de Santiago por um retábulo de talha barroca, ao Estilo Nacional, da autoria do mestre António Rodrigues, a pavimentação em pedraria policroma e os embutidos ao estilo de João Antunes, bem como o revestimento azulejar azul e branco. Esta campanha de obras, que se presume da responsabilidade de João Antunes, terá abrangido outras dependências do convento.

8. Para mais detalhes sobre as obras então ocorridas, consultar: TT, *Livro dos Copos*, doc. 333, 1716, fl. 469, in *Militarium Ordinum Analecta*, 7, 2006, p. 674 e Serrão e Meco, 2007, 130 e 144.

9. Para outras informações artísticas relativas ao convento setecentista e oitocentista consultar, da mesma obra, p. 152 a 160.

Arquivo IHRU (ex-DGEMN)



3. Convento em ruínas (anos 30 do século XX).

2. OS DADOS CARTOGRÁFICOS

A mais antiga traça conhecida do convento é datada do século XVII, representada em planta da autoria do engenheiro militar João Roiz Mouro: *Planta do Castello da villa de Palmela* (fig. 4)¹⁰. O «Convento dos Freires» é apresentado com uma traça trapezoidal, a vertente norte adossada à muralha. Devia corresponder sensivelmente ao espaço da primitiva estrutura, ou seja, do convento quatrocentista. Numa outra planta, de inícios do século XVIII, de João Tomás Correia (fig. 5), que terá substituído João Roiz Mouro e a terá desenhado sobre a anterior, igualmente designada «*Planta do Castello da villa de Palmella*», dos fundos da Biblioteca Nacional, a representação do convento é equivalente. As partes que lhe correspondem estão legendadas da seguinte forma: *D – Convento dos Freires; E – Igreja do mesmo Convento*¹¹.

Verifica-se que sul e a poente a extensão ocupada pelo edifício conventual era mais limitada do que em finais do século XVIII, observando-se um vazio que posteriormente daria lugar ao prolongamento do novo edifício. O pátio fronteiro da igreja era delimitado por um muro que separava o espaço sagrado dos terrenos anexos ao convento. Aqui não existiam edificações no século XVII nem em inícios do século XVIII, quando as obras do novo convento já deveriam estar em fase de finalização, e cremos que tão pouco existiriam nas duas centúrias anteriores. A intervenção arqueológica realizada neste

10. *Planta do Castello da villa de Palmela*, João Roiz Mouro, *Plantas das Fortalezas da Costa portuguesa entre Vila Nova de Mil Fontes e as Berlengas*, João Roiz Mouro e Mateus do Couto, século XVII, (IANTT), in Vallá, 2012.

11. Transcrição da legenda: «A – O Castello Antigo; B – O Recinto da nova fortificação; C – A estrada em cuberta e revelim; D – Convento dos Freires; E – Igreja do mesmo Convento; F – Igreja Matris; G – Porta da Fortificação; H – 5 Casas do Governador com 5 quartéis por baixo; I – Casa do Apontador e do Governador; L – Quartéis para soldados 5 por baixo e 5 por cima; S – Sisterna; T – Sisterna que começaram; V – Vedoria da fortificação.

Este Castello está numa altura iminente e a vila fica ao pe delle pela parte do sul esta sitiada em ma(...) por serem as ruas de roxa e de calecha custozas de subir».

IANTT

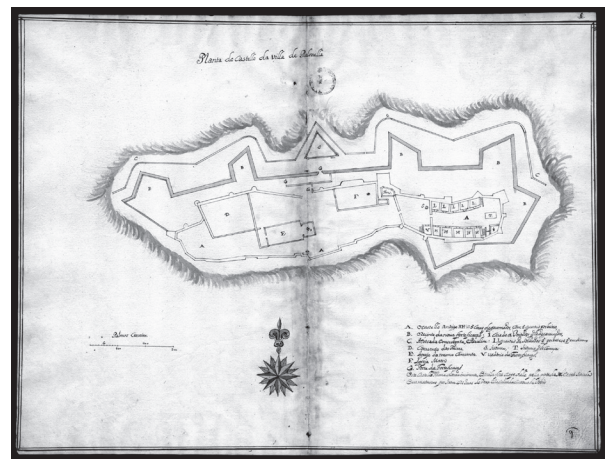


4. Planta do Castelo de Palmela, de João Roiz Mouro (século XVII).

espaço comprova isso mesmo.

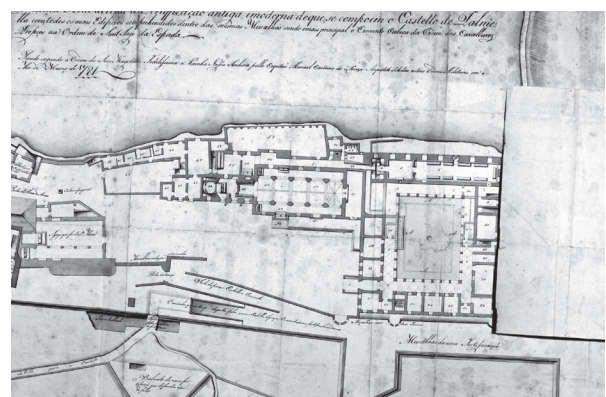
A «*Planta Geral da Fortificação Antiga e Moderna de que se Compoem o Castello de Palmella com todos os mais Edifícios Compreendidos dentro das mesmas Muralhas sendo o mais Principal o Convento Cabeza da Ordem dos Cavalleiros profexos na Ordem de Santiago da Espada (...)*», de 1781, da autoria de Manoel Caetano de Souza, encomenda de D. Maria I, revela-nos com grande detalhe os dois pisos do novo e último convento (fig. 6). A verdade é que a representação de inícios

BNP



5. Planta do Castelo de Palmela, de João Tomás Correia (inícios do século XVIII).

GEAEM/DSE / Adélino Chapa

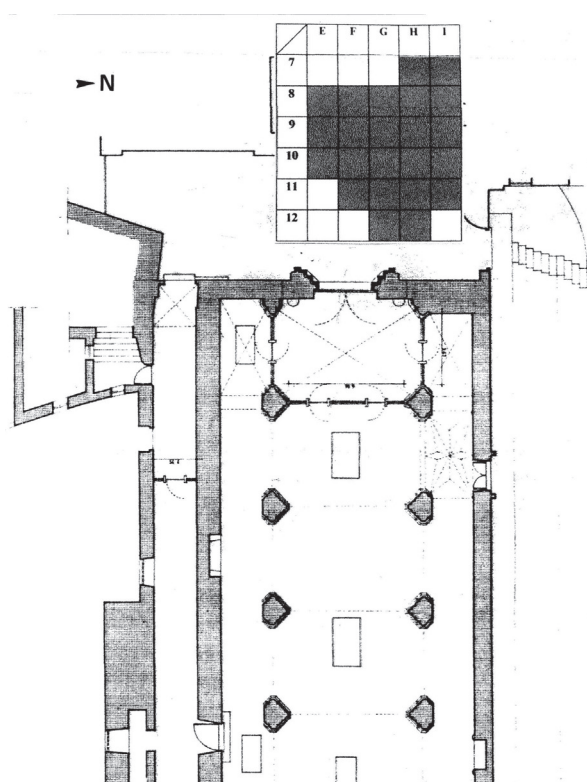


6. Planta de Manuel Caetano de Sousa, 1781: igreja e convento de Santiago.

de setecentos, quando confrontada com esta, obriga a considerar a profundidade das intervenções setecentistas (anos 30, anos 50 e pós-terramoto). Através deste minucioso documento cartográfico sabemos que uma parte do piso térreo estava destinado a áreas de serviço e armazenamento, incluindo os celeiros para o trigo e cevada, os celeiros de partição, as arrecadações para o azeite, as galinhas, a lenha e ainda a casa do cozinheiro e quatro pequenas cavaliças particulares. No piso superior localizavam-se as dependências principais: as celas (de noviços, do mestre de noviços e de freires não capitulares), três salas de hospedaria, a livraria e a casa do cárcere, o cartório e a casa do capítulo. No exterior assinala-se um escadório, correndo até às paredes da capela do pátio defronte à entrada principal. O acesso do convento ao exterior fazia-se, como actualmente, pela *Portaria do Côro*. A alusão ao claustro é particularmente importante porquanto Manuel Caetano de Sousa distingue as *naves do claustro antigo e incompleto* da *nave do claustro principiado de novo*.

3. A INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO PÁTIO FRONTEIRO À IGREJA DE SANTIAGO

Em 2003, a ENATUR, com projecto da DGEMN, tencionava proceder a obras de remodelação da pousada e foi neste âmbito que realizámos uma intervenção arqueológica na área do pátio fronteiro à igreja de Santiago (fig. 7).

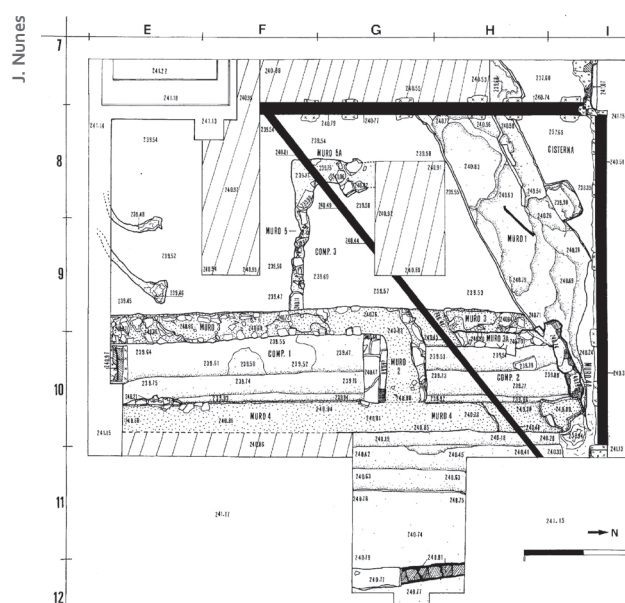


7. Implantação da área escavada no pátio fronteiro da Igreja de Santiago, 2003.

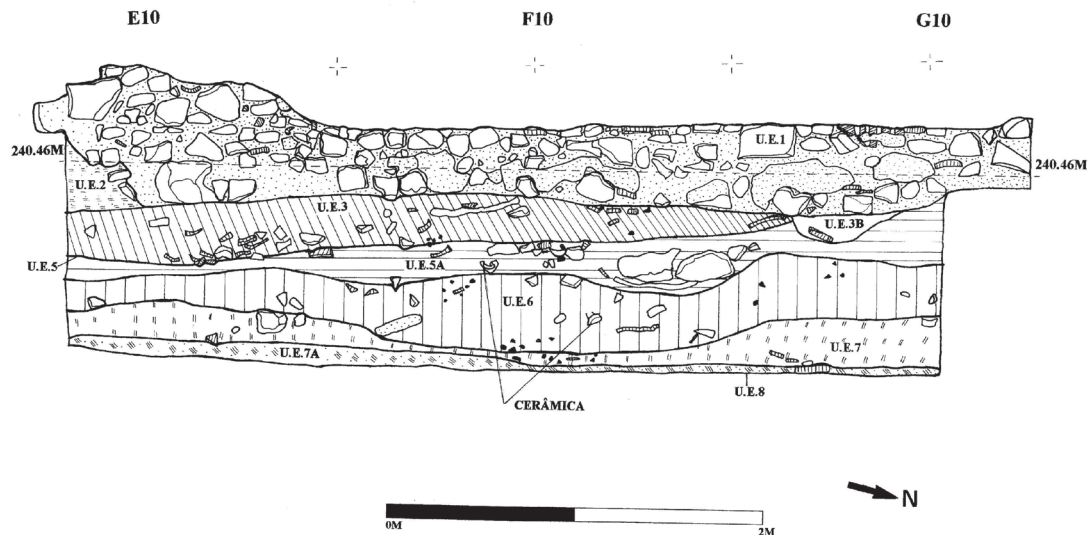
Nesta escavação do pátio registaram-se vários muros (números 1 a 5) que definiam compartimentos (números 1 a 3) e parte de uma cisterna (figs. 8 e 9). As obras de remodelação do convento moderno são constatadas no espaço escavado. É o caso dos compartimentos 1 e 2, que inicialmente terão constituído um



8. Estruturas registadas na escavação do pátio da igreja de Santiago.



9. Plano final da área escavada no pátio da Igreja de Santiago.



10. Pátio da igreja de Santiago: perfil do Compartimento 1 com alçado interno do muro 3.

espaço único, presumivelmente de circulação. A leitura estratigráfica do compartimento 1 é a seguinte (fig. 10):

U. E. 1: lajeado e respectiva camada de preparação.

U. E. 2: nível de deposição de entulho, onde ocorre espólio cerâmico diverso, por exemplo as faianças decoradas a azul, com a cruz-espada da Ordem de Santiago.

U. E. 3: sedimento castanho amarelado, com espólio cerâmico de tipologia comum, alguma fauna e possíveis peças de jogo (vértebras de peixe).

U. E. 5: piso em argamassa.

U. E. 5A: camada de preparação do piso, de cor castanha, com alguma cerâmica triturada e nódulos de argamassa. Ocorre associado algum espólio dos séculos XVII e XVIII.

U. E. 6: sedimento castanho escuro, onde se exumou algum espólio cerâmico de tipologia comum e fragmentos de cachimbos em cerâmica e osso.

U. E. 6A: sedimento castanho avermelhado, um pouco compacto, com cerâmica e nódulos de argila. O espólio inclui alguns pregos em ferro, alfinetes em bronze, um pente em osso, um núcleo e uma lasca em sílex.

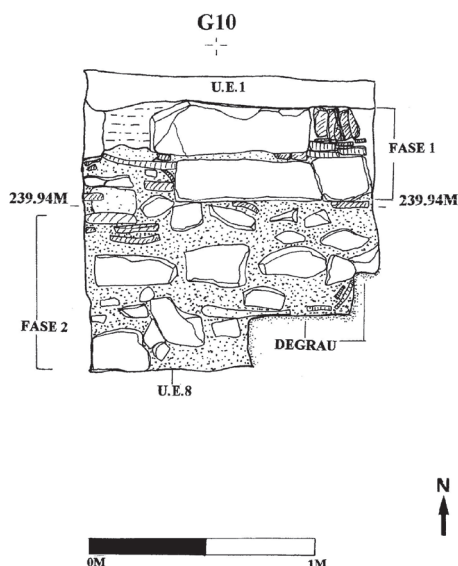
U. E. 7: sedimento castanho, arenoso, contendo alfinetes, fragmentos de caçarolas, de painéis, de alguidares e alguma fauna.

U. E. 7A: semelhante ao anterior, com carvões. Exumaram-se faianças e alfinetes.

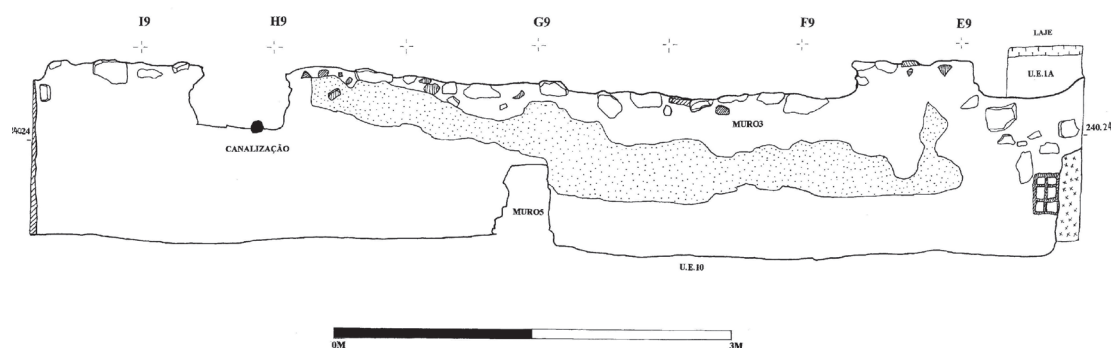
U. E. 8: piso em argamassa que constitui a base do compartimento e se encontra sobre o nível de afloramento. Ocorre alguma cerâmica.

U. E. 10: afloramento rochoso e nível a que corresponde também o talhe da rocha em degraus (escadaria de acesso à Igreja de Santiago).

O Compartimento 1 é limitado pelos muros 2, 3 e 4 (figs. 10, 11, 12). O muro 3 está assente sobre o piso em argamassa do Compartimento 1 (UE 8) e mostra, na face interna, um aparelho misto que utiliza pedras de diferentes dimensões, tijoleira, telha, fragmentos de cerâmica diversa e um ligante de terra e argamassa. Não se apresenta uniforme, revelando, aproximadamente aos 60 cm, diferentes níveis de sedimento, desagregação de argamassa, nódulos de argila, algumas pedras dispersas de dimensões várias e cerâmicas associadas a carvões, metais e restos de fauna. Na face externa a pedra é revestida a argamassa em toda a extensão (E-F-G/10). Em E-F-G/11, o muro 4 revela um interior mais cuidado, com aparelho que utiliza blocos de pedra ligeiramente afeiçoados, de pequena a média dimensão e algumas tijoleiras ligadas por argamassa. A sul registam-se duas remodelações que tornaram o aparelho mais descuidado, exibindo pedras não afeiçoadas de diferentes dimensões, tijoleiras



11. Pátio da igreja de Santiago: Compartimento 1 com alçado interno do muro 2.



12. Pátio da igreja de Santiago: Compartimentos 1 e 2 com alçado externo do muro 3.

e telhas dispostas aleatoriamente. A face externa, por se encontrar no limite da escavação, não foi de fácil leitura. Contudo, em G-H/10-11 observaram-se restos de revestimento a estuque. Este muro 4 foi edificado sobre a escadaria de acesso à igreja de Santiago.

Na vertente sul do Compartimento 1 não foi possível detectar a estrutura que o encerra, uma vez que o espaço se encontra ocupado pelas paredes de fundação da pousada e respectivas canalizações.

No Compartimento 2, a leitura estratigráfica segue a do Compartimento 1, havendo apenas a acrescentar os subníveis da U. E. 3: 3A, 3B, 3C e 3D:

U. E. 3: sedimento castanho-escuro, solto, com abundante espólio.

U. E. 3A: corresponde a uma pequena lareira em I10 e respectivo espólio.

U. E. 3B: nível de derrube formado por sedimento de cor castanha escura com carvões e algum espólio.

U. E. 3C: sedimento castanho com alguns carvões e cinzas, onde surgem fragmentos de painéis, caçarolas, púcaros e pucarinhos, copos, taças, pregos e restos alimentares em abundância.

U. E. 3D: sedimento castanho amarelado, com espólio cerâmico de tipologia comum, de cariz doméstico, ligado à confecção de alimentos, alguma fauna e vértebras de peixe.

Após a remoção dos primeiros níveis foi possível delimitar o topo das estruturas que compõem este compartimento, ou seja, os muros 1, 2, 3 e 3A, 4 e 4A (fig. 9). O muro 1 resulta do talhe da pedra local *in situ*.

Em F-G/8-9 definiu-se o Compartimento 3 (fig. 9). A delimitação deste espaço é feita pelo muro 1 e pelos muros 5 e 5A, que denotam uma construção precária, com grande desgaste. Deve tratar-se de um compartimento anterior aos Compartimentos 1 e 2. O esvaziamento de parte da área agora escavada, nos anos 70, durante as obras da DGEMN, e posterior entulhamento, deixa poucas possibilidades de uma avaliação segura. As estruturas que formam este Compartimento 3 são: o muro 1; o muro 5A que lhe está adossado e que revela algum

cuidado no aparelho, com pedras de média e pequena dimensão, alguma telha e um ligante de terra e argamassa; o muro 5, que adossa ao anterior em G8, construção rudimentar que se encontra em avançado grau de destruição, restando apenas a base; o muro 3, que anexa ao muro 5 em G10. De referir ainda que toda esta área é atravessada por um tubo de pvc que provocou a parcial destruição deste compartimento.

A estratigrafia individualizada dentro e fora deste compartimento é concordante com a dos restantes até à unidade 2A, após o que se seguem os seguintes estratos (fig. 13):

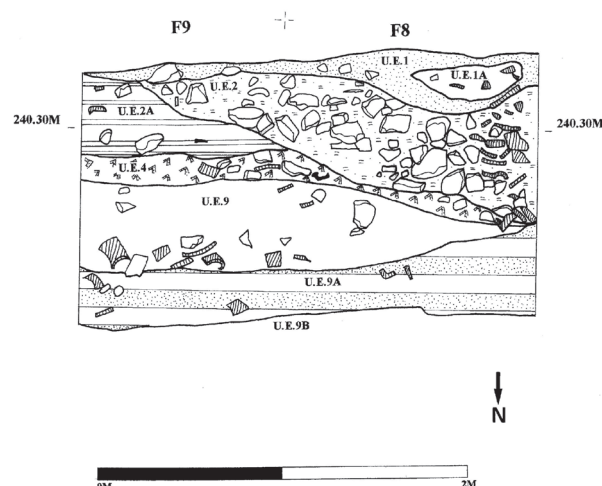
U. E. 4: sedimento castanho claro, com derrube de telhas e pedra.

U. E. 9: nível arenoso de tonalidade amarela, que lhe é conferida pela desagregação de argamassas dos muros 5 e 5A.

U. E. 9A: sedimento castanho claro, arenoso, misturado com argamassa desagregada e com algum espólio (ex. 2 fragmentos de bojo de talha).

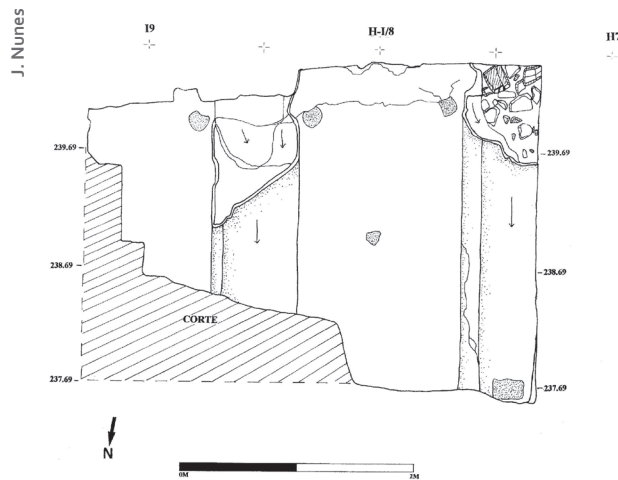
U. E. 9B: piso em argamassa sobre o qual surgiram fragmentos de cachimbos, um deles com inscrição, alguma cerâmica e elementos de fauna.

U. E.10: afloramento rochoso.



13. Pátio da igreja de Santiago: Perfil Sul (F8-9).

A cisterna é definida a sul pelo muro 1, que aproveitou parcialmente a rocha local e a superfície da face interna foi objecto de revestimento a argamassa e polimento com uma fina aguada de cal. Encontra-se em mau estado de conservação, tendo sido entulhada com diversos níveis de deposição contemporâneos (níveis 2, 2A e 4) onde se misturam materiais dos séculos XVII a XX (fig. 14). Foi possível identificá-la em antigas fotografias da DGEMN, obtidas durante as obras dos anos 70 (fig. 15). A planta de 1781 não localiza esta estrutura e a sua orientação não corresponde à da estrutura do convento setecentista. Trata-se de uma cisterna com abóbada de meio-canhão, de comprimento indeterminado, munida de contrafortes em cada uma das paredes, que suportariam os arcos da abóbada. Nas imagens da DGEMN conseguem registar-se quatro desses contrafortes e as nossas sondagens permitiram pôr a descoberto dois deles e a parede a que adossam. A



14. Pátio da igreja de Santiago: H-1 / 7-8-9 – alçado interno da cisterna.



15. Aspecto da cisterna em imagem dos anos 70.

sua secção é de tendência rectangular. No espaço que medeia entre os dois contrafortes alinham-se três orifícios com 14 cm de diâmetro. Num dos contrafortes registou-se um outro orifício rectangular, com 24 cm x 14 cm. A cisterna foi apenas parcialmente escavada. O conjunto prolonga-se para poente, no interior da pousada e deve encontrar-se em boa parte destruído, a ajuizar pelas fotografias de 1972.

O início de uma escadaria, talhada na rocha, identificou-se no interior do Compartimento 2, abrangendo toda a extensão entre este e o Compartimento 1. Em G-H/11-12 registou-se, além dos degraus que compõem a escadaria, um patamar igualmente escavado no calcoarenito, onde se individualizou um canal (figs. 16 e 17). Este canal, com funções de drenagem



16. Pátio da igreja de Santiago: escadaria de acesso à igreja, posta a descoberto durante as escavações arqueológicas.



17. Pátio da igreja de Santiago: escadaria de acesso à igreja e canal.

das águas pluviais, foi realizado através do corte da rocha, formando uma cavidade de perfil em U, revestida na base por tijoleiras vermelhas dispostas sobre o aforamento e cobertura de lajes ligeiramente afeiçoadas. Concluímos que a primitiva entrada da igreja, no século XV, era servida por uma grande escadaria de 7 ou 8 degraus, seguida de patamar. O canal terá sido acrescentado em época moderna.

4. ESPÓLIO

A área escavada corresponderia, pois, às dependências de trabalho do convento setecentista, com oficinas e arrecadações, incluindo uma área de armazenamento de produtos alimentares e até de confecção, como a lareira identificada num dos compartimentos parece indicar. É bem possível que a casa do cozinheiro se situasse aqui. A fauna está representada por escamas e espinhas de peixe, conchas de mexilhão, de amêijoia, de berbigão e ossos, predominantemente de mamíferos.

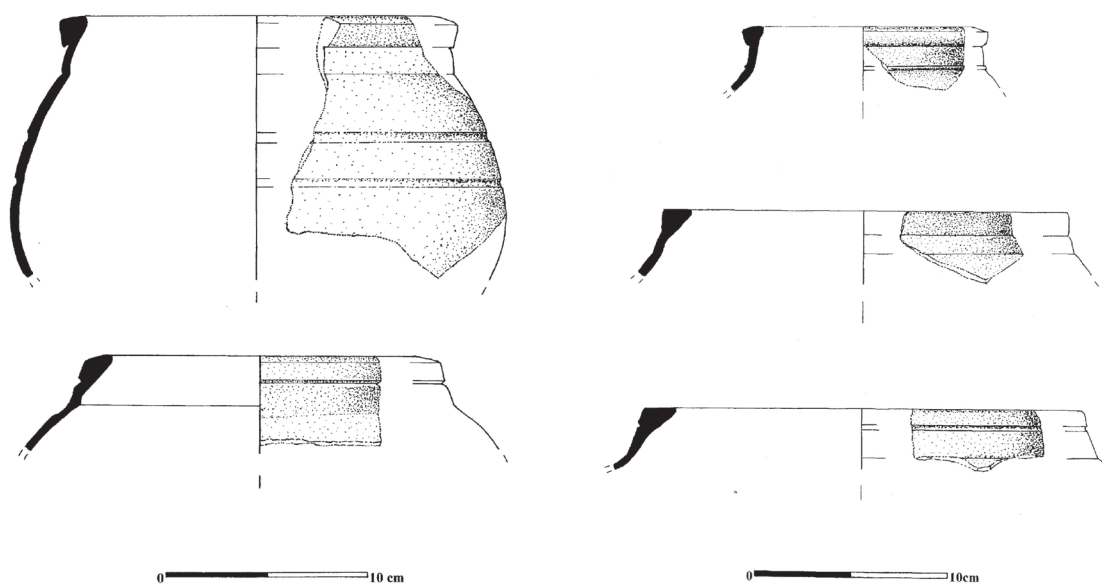
A loiça usada no convento incluía peças em cerâmica comum, lisas, alisadas ou modeladas, com a variedade de formas que a cozinha e os usos quotidianos exigiam: panelas, caçarolas, tigelas, pratos, jarros, pucarinhos, potes e alguidares, enquadráveis entre os séculos XV-XVI e XVIII (figs. 18, 19, 20). Na loiça de cozinha destacam-se as panelas globulares (fig. 18 – 1 e 2), correspondendo a primeira aos séculos XV-XVI e a segunda aos XVII-XVIII, e outras variantes, atribuídas aos séculos XVI-XVII (fig. 18 – 3) e aos XVII-XVIII (fig. 18 – 4 e 5). Os alguidares (fig. 19 – 6 a 10) são provenientes de contextos dos séculos XVII-XVIII. As tigelas e pratos apresentam formas e dimensões variáveis (fig. 20 – 11 e 12), enquadráveis entre os séculos XVI e XVIII, geralmente

alisadas no exterior e com o interior brunido. Alguns exemplares, de pequenas dimensões, deveriam servir como molheiras ou para conterem ervas aromáticas e especiarias.

O já citado orçamento do século XVI apresenta-nos uma listagem no seu rol de compras com perfeita correspondência à loiça exumada: púcaros, jarros, potes para água, copos, tigelas, alguidares. As tigelas, as bacias e os *farceiros* são indicados como *vasos de água* (Mata, 2002, p. 96) e os alguidares são referidos como necessários para *ensaboar os corporais*. No documento há também referência ao transporte de loiça de Lisboa, comprovando que a Ordem adquiria a oleiros da capital a loiça mais delicada e que requeria maior mestria, nomeadamente as faianças e as tacinhas, copos e pucarinhos modelados, de barro vermelho (figs. 21 e 22). As encomendas dos freires, nos séculos XVII e XVIII, previam a personalização da loiça conventual, tanto mais tratando-se das instalações da cabeça da Ordem: tigelas e pratos esmaltados a branco mandavam-se pintar com a cruz-espada de Santiago e a inscrição COMVENTO, predominantemente a azul cobalto (figs. 23 e 24). Outras recolhas incluem faianças decoradas a azul, a azul e vinoso, registando-se também a associação do azul-verde. As composições decorativas usam elementos vegetalistas e geométricos, os esquemas das “três contas” e “aranhões” (figs. 25 e 26). Identificaram-se também dois pequenos fragmentos de porcelana chinesa.

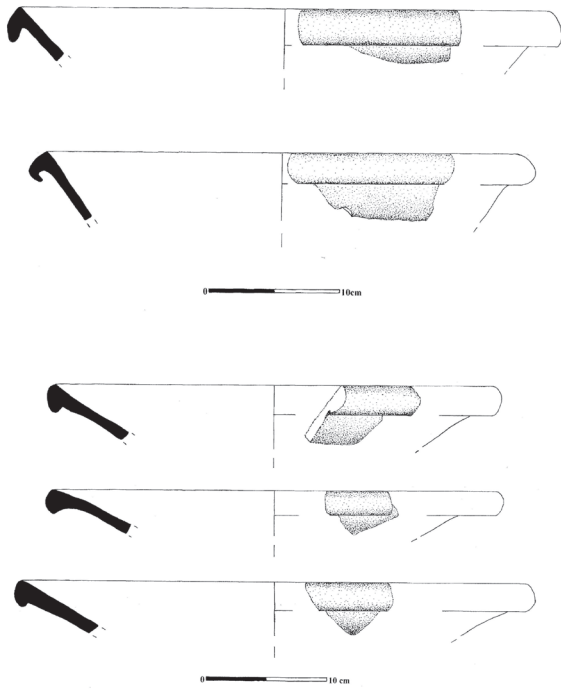
Ainda no mesmo orçamento, listam-se vários materiais em ferro ou outros metais: chaves, fechaduras, ferragens, ferrolhos, arcos para pipas e tonéis, pregos, facas, alfinetes, agulhas e um *candeeiro das trevas*, em ferro. A escavação forneceu algumas ferragens,

A. R. Carvalho



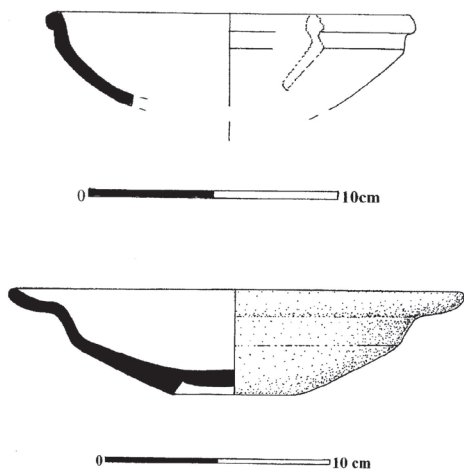
18. 1: panela (Hg-I, limpeza do corte Sul); 2: panela (H-I / 9-10, UE 7A). 3, 4 e 5: panelas (H-I 10, UE 3).

A. R. Carvalho



19. 6 e 7: alguidares (H-I 10, UE 3). 8, 9 e 10: alguidares (H-I 10, UE 3).

A. R. Carvalho



20. 11: tigela (H-I 10, UE 3). 12: prato (H-I / 9-10, UE 3B).

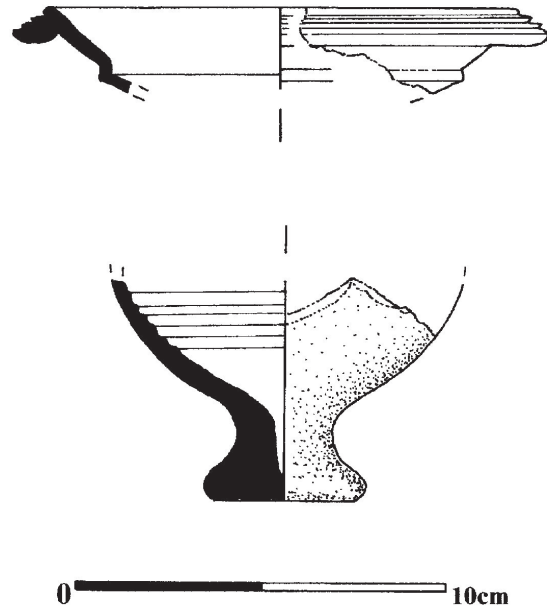
Câmara Municipal de Palmela / Rui Minderico



21. Conjunto de peças modeladas, de barro vermelho.

abundantes pregos, um dedal e alfinetes de cabeça esférica, em bronze. Foram também exumados vários fragmentos de cachimbos em caulino (fig. 27), um pente em osso (fig. 28) e peças de jogo em vértebras de peixe (fig. 29). Do conjunto fazia também parte um pequeno frade em terracota, com dois centímetros de comprimento, que mostra o hábito com capuz, as mãos unidas junto ao peito, cabelo sobre os ombros e barba (fig. 30). Na parte superior da cabeça apresenta um pequeno orifício onde está inserido um arame que serviria para o suspender ou prender.

A. R. Carvalho



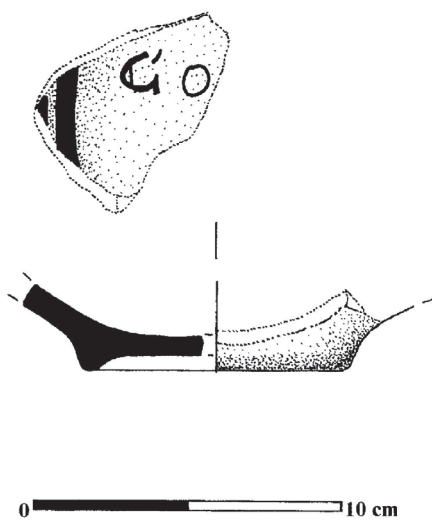
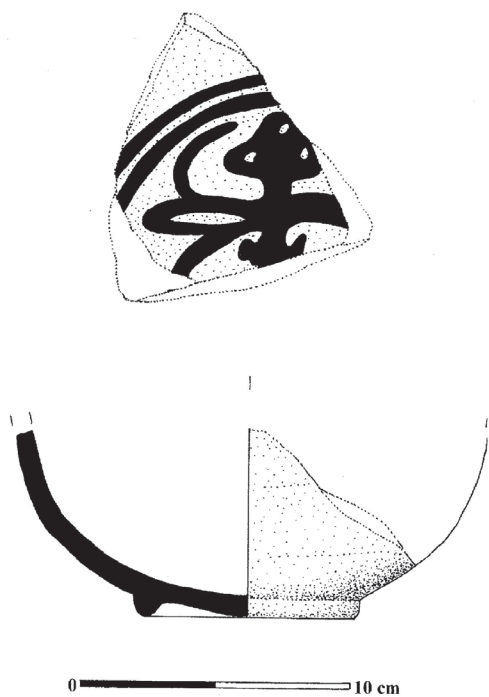
22. 13 e 14: tacinha e copo modelados (H-I / 9-10, UE 7A).

Câmara Municipal de Palmela / Rui Minderico



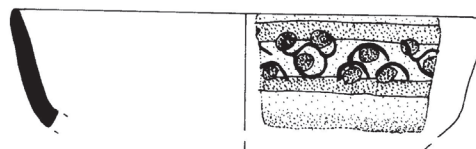
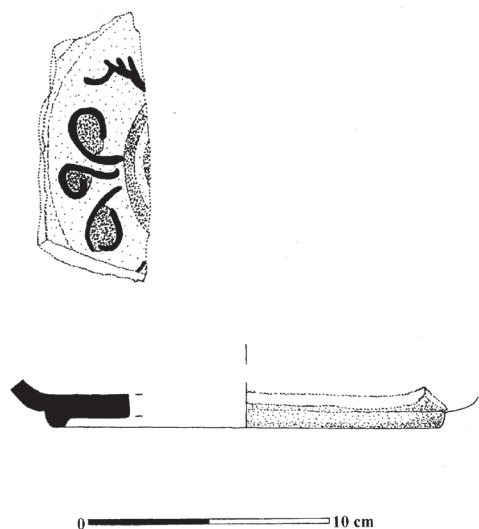
23. Fragmentos de peças esmaltadas a branco com a cruz-espada de Santiago pintada a azul.

A. R. Carvalho



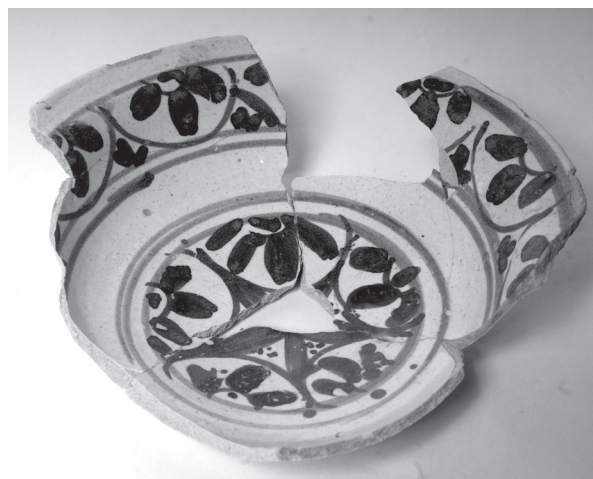
24. 15: tigela com a cruz-espada de Santiago (F10, Comp. 1, UE 3).
16: fragmento de prato com a cruz-espada de Santiago (E10, Comp. 1, UE 1). 17: tigela com a inscrição CO(nvento) (E10, UE 7A).

A. R. Carvalho



25. 18: prato de faiança com decoração a azul e vinoso (G10, UE 7A). 19 e 20: fragmentos de prato e tigela em faiança (F10, UE 7A).

Câmara Municipal de Palmela / Rui Minderico



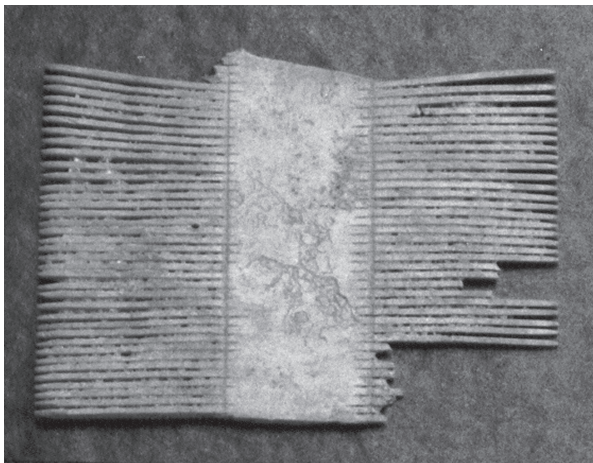
26. Prato de faiança com decoração a azul e vinoso.

ICFF



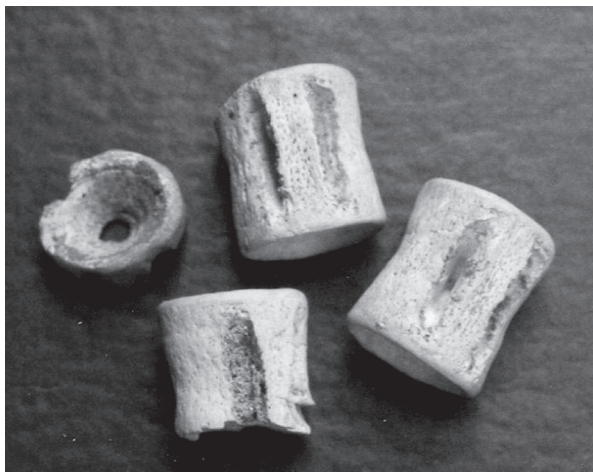
27. Fragmentos de cachimbos em caulino.

ICFF



28. Pente em osso.

ICFF



29. Peças de jogo (vértebras de peixe).

5. CONSIDERANDOS FINAIS

A escavação arqueológica do pátio da igreja do convento de Santiago veio confirmar que boa parte da área, particularmente junto às paredes do actual edifício conventual, foi esvaziada e depois entulhada de

Câmara Municipal de Palmela / Rui Minderico



30. Imagem de frade em terracota.

novo, o que justifica a grande mistura de materiais dos séculos XV-XVI a XX. Como referimos anteriormente, a maior parte das dependências do convento quatorcentista coincidiria especialmente com a área do convento moderno. Outros indicadores arquitectónicos corroboram esta leitura, nomeadamente os paramentos da muralha norte e a face interna da muralha poente, no pátio da actual pousada, onde ainda subsistem restos de antigas arcarias. Quanto ao pátio foi, numa primeira fase, um espaço isento de construções, como a análise da cartografia e a intervenção arqueológica o demonstram. Em 1614, quando Filipe II visita o convento, é mencionado um átrio que servia a Igreja de Santiago¹². Efectivamente entre o espólio recolhido predomina o dos séculos XVII a XX, ocorrendo embora algumas cerâmicas dos séculos XV e XVI. Subsiste, do lado norte, uma porta com arco ogival aberta no que resta de uma parede, que presumivelmente fecharia ao exterior todo este espaço (fig. 31). Como vimos, numa das campanhas de obras do século XVIII ter-se-á decidido alargar a edificação a partir do muro divisório visível na planta de João Tomás Correia. Se observarmos a planta de 1781, veremos que os muros 3 e 4 se identificam perfeitamente na traça do piso térreo do convento. O muro 4 faria parte da parede leste do edifício e o muro 3 era parte de um compartimento rectangular que fechava do lado da cisterna.

Talvez no mesmo período se procedeu à anulação da

12. Arquivo Distrital de Setúbal, Fundo Almeida Carvalho -25/17 (237 fls), fol. 6 a 9 v. – D. João V visita o convento (1711), Notícia escripta por Baltazar José Gaspar, freire capitular e escrivão do cartório, vide *Livro de Copos do Convento da Ordem de Santiago de Palmela*, p. 483.

escadaria que emoldurava a entrada principal da igreja, passando o acesso a fazer-se por um patamar nivelado com o pequeno pátio.

As restantes estruturas detectadas na escavação correspondem também a obras de remodelação ocorridas ao longo dos séculos XVIII e XIX. É o caso da construção da cisterna, bem definida nas fotografias das obras de adaptação do convento a pousada. A implantação do muro 1, a parede sul da cisterna, fez-se sobre o muro 4, levando-nos a crer que em finais do século XVIII ou inícios do XIX se terá decidido avançar com esta obra, alargando o pátio fronteiro à igreja. Antes do início das obras de 70 não havia realmente edificações nesta área, como se pode verificar em imagem da época (fig. 31).

Hoje em dia o pátio lajeado mantém sensivelmente o dimensionamento desse período, fazendo recuar a parede mestra, do lado nascente, do grande edifício



Arquivo IHRU (ex-DGEMN)

31. Pátio fronteiro da igreja de Santiago, sendo visível o arco da entrada (anos 70 do século XX).

conventual desenhado em 1781, o que proporcionou a abertura do enquadramento da fachada da igreja primitiva, com amplas vantagens cenográficas.

FONTES

Arquivo Distrital de Setúbal, Fundo Almeida Carvalho – 25/17 (237 fls), fol. 6 a 9 v. – *D. João V visita o convento (1711)*.

TT, *Livro dos Copos*, doc. 333, 1716, fl. 469, in *Militarium Ordinum Analecta*, 7, Livro dos Copos, Vol. I, dir. L. Adão da Fonseca, Fundação Eng. António de Almeida, 2006, p. 674.

TT, Chancelaria da Ordem de Santiago: Liv. 24, fls. 23v e 24.

Lázaro Leitão ARANHA (1731) – *Mesa das Três Ordens Militares de Cristo, S. Thiago e Aviz, Livro III dos Privilégios de Filipe II*, B.N.L., Cod. 10888-90, fl.78,83, 85/86.

Fernão LOPES, *Chronica de El-Rei D. João I*, Lisboa: Escripório, 1897-1898.

Frei Agostinho de SANTA MARIA (1724) – *Historia Tripartita*. Lisboa: Off. Antonio Pedrozo Galram.

CARTOGRAFIA

Planta do Castello da villa de Palmela, João Roiz Mouro, Plantas das Fortalezas da Costa portuguesa entre Vila Nova de Mil Fontes e as Berlengas, João Roiz Mouro e Mateus do Couto, séc. XVII, IANTT.

Planta do Castello da villa de Palmella, in *Livro de várias plantas deste Reino e de Castela [entre 1699-1743]*, de João Tomás Correia, B.N.P., fls. 8v-9.

Planta Geral da Fortificação Antiga e Moderna de que se Compõem o Castello de Palmella com todos os mais Edifícios Compreendidos dentro das mesmas Muralhas sendo o mais Principal o Convento Cabeza da Ordem dos Cavaleiros professos na Ordem de Santiago da Espada (...), de Manoel Caetano de Souza, 1781.

BIBLIOGRAFIA

FERNANDES, I. C. F. (2000) – O Castelo de Palmela: herança islâmica e domínio da Ordem de Santiago, *Actas do Simpósio Internacional sobre Castelos. Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500)*, Palmela-Lisboa: Edições Colibri/ Câmara Municipal de Palmela, p. 571-578.

FERNANDES, I. C. F. (2001) – Castelos da Ordem de Santiago: a região do Sado. *Actas do 3º Congresso de Arqueolo-*

gia Peninsular, 22 a 26 de Setembro, Vila Real, 1999, Vol. VII: *Arqueologia da Idade Média da Península Ibérica*, Sessão 23: "Fortificações dos Reinos Cristãos: origens e evolução (séc. IX-XIV)", Porto: ADECAP, p. 169-186.

FERNANDES, I. C. F. (2004) – *O Castelo de Palmela. Do islâmico ao cristão*. Edições Colibri – Câmara Municipal de Palmela.

FERNANDES, I. C. F. (2005) – Palmela no período da reconquista. *Muçulmanos e Cristãos entre o Tejo e o Douro (sécs. VIII a XIII)*, Coord. M. Barroca e I. C. F. Fernandes, Palmela: GEOS-Câmara Municipal de Palmela e Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 311-325.

FERNANDES, I. C. F. (2009) – Conventos da Ordem de Santiago em Palmela, *As Ordens Militares e as Ordens de Cavalaria entre o Ocidente e o Oriente. Actas do V Encontro sobre Ordens Militares*, Coord. I. C. F. Fernandes, Palmela: Câmara Municipal de Palmela, p. 583-634.

FERNANDES, I. C. F. e OLIVEIRA, L. F., (2005) – As Ordens Militares no Reino de Portugal. *As Ordens Militares na Europa Medieval*, Coord. Carlos Ayala Martínez e Feliciano Novoa Portela, Lisboa: Edições Chaves Ferreira, p. 136-165.

MATA, J. S. F. (2002) – O orçamento do convento de Palmela para o ano de 1567. Sua afectação. *Revista Lusíada*, Universidade Lusíada, p. 175-202.

PIMENTA, M. C. (2002) – *As Ordens de Avis e de Santiago na Baixa Idade Média. O Governo de D. Jorge*, Palmela: Câmara Municipal de Palmela.

SERRÃO, V. e MECO, J. (2007) – *Palmela Histórico-Artística. Um inventário do património artístico concelhio*, Lisboa-Palmela: Câmara Municipal de Palmela / Edições Colibri.

SOROMENHO, M. (2012) – Mateus do Couto, o Velho (ca. 1581-1664), arquitecto das Ordens de Santiago e de Avis. *As Ordens Militares. Freires, Guerreiros, Cavaleiros, Actas do VI Encontro sobre Ordens Militares*, Coord. I. C. F. Fernandes, Vol. 2, Palmela: Município de Palmela, p. 933-944.

VALLA, M. (2012) – Arquitectos e engenheiros das Ordens Militares no período da restauração. A cidadela de Palmela. *As Ordens Militares. Freires, Guerreiros, Cavaleiros, Actas do VI Encontro sobre Ordens Militares*, Coord. I. C. F. Fernandes, Vol. 2, Palmela: Município de Palmela, p. 945-969.

VITERBO, S. (1992) – *Dicionário Histórico e Documental dos Arquitectos, Engenheiros e Construtores Portugueses*, Lisboa: I.N.C.M., p. 220-22.